

A GEOGRAFIA ANTICOLONIAL DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO MTST E MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Ludmila Pereira Alves¹

RESUMO

Este artigo pretende analisar as relações entre Literatura, Geografia e Movimento dos Trabalhadores sem teto na atualidade, através do estudo de Machado de Assis em sua obra Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881). O percurso a ser traçado pretende investigar como na contemporaneidade, a configuração espacial da cidade é excludente e reflete o processo de acumulação capitalista. A hipótese central adotada é de que as relações de produção do espaço e suas contradições são abordadas de forma mimética por Machado de Assis e podem agregar epistemologicamente o arcabouço teórico da Geografia Anticolonial. Este trabalho justifica-se pelo aspecto universalizante e excludente da urbanização, sua irreversibilidade e abrangência planetária. Além desse aspecto, considera-se relevante os estudos que buscam relacionar Geografia (ciência) e Literatura (arte) por suas correspondências, enriquecimento teórico e pelos estudos entre ambas áreas do saber ainda serem incipientes e termos a Literatura como fonte de um “mapeamento cognitivo” da Geografia. O método adotado será o materialismo histórico e dialético e os procedimentos metodológicos consistem em revisão bibliográfica buscando correspondências nos trechos literários exemplificados com a sociabilidade do Brasil no século XIX e a atual.

Palavras-chave: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Geografia Anticolonial. Espaço abstrato.

ABSTRACT

This article aims to analyze the relationships between Literature, Geography and the Homeless Workers Movement today, through the study of Machado de Assis in his work Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881). The route to be traced intends to investigate how in contemporary times, the spatial configuration of the city is exclusionary and reflects the process of capitalist accumulation. The central hypothesis adopted is that the production relations of space and their contradictions are addressed in a mimetic way by Machado de Assis and can epistemologically add to the theoretical framework of Anticolonial Geography. This work is justified by the universalizing and exclusionary aspect of urbanization, its irreversibility and planetary scope. In addition to this aspect, studies that seek to relate Geography (science) and Literature (art) are considered relevant due to their correspondences, theoretical enrichment and because studies between both areas of knowledge are still incipient and we consider Literature as a source of “cognitive mapping” of Geography. The method adopted will be historical and dialectical materialism and the methodological procedures consist of a bibliographical review seeking correspondences in literary excerpts exemplified with the sociability of Brazil in the 19th century and today.

Keywords: Posthumous Memories of Brás Cubas. Anticolonial Geography. Abstract space.

¹ Doutoranda do Curso de Pós graduação em Geografia- PPGeo da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, ludipalves1308@gmail.com;

O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais (ASSIS, 1998)

A cortante e incisiva ironia de Machado de Assis é utilizada para introduzir o tema aqui abordado. Antes de adentrar na estética literária de *Mémórias póstumas*, é preciso estabelecer uma nota introdutória a respeito da Geografia Anticolonial e como esta expõe os conflitos, luta de classes e a desumana desigualdade socioespacial decorrente do colonialismo. A ciência geográfica produzida no Brasil desde o século XIX foi importada da Europa (mais especificamente França e Alemanha). Esse elemento é crucial quando se pretende discernir quais as características da Geografia praticada por aqui. Dentre vários elementos o que mais se destacam são: hegemônica, colonialista, racista, preconceituosa, positivista, excludente. Essas características foram amplamente assimiladas pela geografia brasileira, evidentemente, sem relutância ou empecilho. Geógrafos como Carl Ritter, 1779-1859 (Berlim, Alemanha), Friedrich Ratzel, 1844 – 1904 (Ammerland, Alemanha), Paul Vidal de la Blache, 1845 - 1918 (Tamaris -sur- Mer, França) consolidaram a Geografia europeia por meio de conceitos e categorias que respaldavam a própria hegemonia europeia em sua característica mais proeminente, o imperialismo. Consolidada no Brasil, essa geografia europeia sequer passou por meras adaptações e as mesmas orientações categoriais e conceituais foram assimiladas no país como se o arcabouço teórico que serve ao colonizador, também servisse ao colonizado.

Apesar de na década de 1970, uma corrente de pensamento chamada Geografia crítica tenha surgido e fortalecido o debate crítico dentro da disciplina, as categorias permaneceram as mesmas, passaram por adaptações, mas continuaram as mesmas, como o autor esclarece:

Os conceitos e categorias da Geografia não foram feitos pelos e pelas seringueiras, pelas cortadoras de cana, pelos catadores de latinha, pelas catadoras de recicláveis, pelos/pelas sem-teto, pelas famílias despejadas de suas casas; enfim, a Geografia foi sempre uma Geografia dos vivos e jamais uma Geografia dos mortos. A Geografia dos vivos é a ciência que trata a vida dos conceitos como independente da sua realização, aí criam grupos para estudar cidades médias, metrópoles, favelas, sem- tetos, sem-terras, tudo que movimentam a vida da Geografia para que ela possa olhar diante do espelho enquanto passa batom e afirmar como sou boa, como crítica, como sou capaz de mostrar para pessoas pobres que elas são pobres e mostrar para as ricas como elas são ricas, eis a vida da Geografia, eis uma ciência que vive sobre os escombros dos mortos (BARBOSA, 2020, p.115)

Uma ciência que vive sobre os mortos, constatação dura mas real, visto que a geografia acadêmica e escolar, raramente saem de sua clausura (meio científico), para produzir



conhecimento sobre e com a própria vida, suas contradições imanentes, sua essência negativa e produzir rupturas efetivas contrárias a esse sistema opressor, colonial, capitalista que se utiliza dos sujeitos aos quais foram tornados totalmente sujeitados para compor uma realidade onde a classe dominante retrógrada, oligarca, industrial ou financeira se apropriam do espaço-tempo de milhares de pessoas.

Assim, este trabalho pretende emular o debate sobre a relação entre literatura e cidade como campo interdisciplinar de pesquisa. No entanto, apesar de reconhecer a importância do debate interdisciplinar entre ciência e literatura, a reflexão empreendida não pretende se ater à interdisciplinaridade, esta será o ponto de partida para pensar as experiências do MTST e suas contribuições à Geografia Anticolonial e vice-versa, uma vez que o processo de análise ocorre de forma dialética e os campos do saber e a realidade se influenciam mutuamente. Por isso, a escolha por Machado de Assis, o mestre da periferia do capitalismo (SCHWARZ, 2000).

Machado de Assis se insere em um grupo de literários que depositam na figura do narrador todo o poder mordaz e perspicaz dotado de um discurso muito irônico. Sua habilidade de identificar cirurgicamente os problemas sociais, em especial aqueles vividos pelos pobres na cidade é o principal *leitmotiv* para compor esta análise. Em geral, sua estratégia se vale de sugerir maliciosamente possibilidades de ação dos personagens, característica que permite ao narrador indagar sobre esses comportamentos no plano individual e no plano coletivo. Memórias Póstumas de Brás Cubas foi publicado pela primeira vez em 1881 e utiliza de um recurso estilístico inédito ao atribuir ao narrador antes da construção narrativa, a sua morte. “[...] a franqueza é a primeira virtude de um defunto, pois na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças, obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência” (ASSIS, 1994, p.36). O fato de Brás Cubas ser um defunto autor lhe permite narrar de forma sarcástica, realista e em alguns momentos com certa dose de crueldade e melancolia os conflitos internos, externos e sociais de seus personagens. A narrativa machadiana também é cortante ao descrever a cidade do Rio de Janeiro em plena modernização do século XIX. As características da cidade moderna são aquelas que mais interessam à problemática desta reflexão.

Machado de Assis e a Geografia Anticolonial serão os caminhos percorridos para se chegar ao MTST. A atitude de integrar o movimento e ocupar é movida sobretudo pela ausência de moradia. Os caminhos traçados pelo tecido urbano por essas pessoas e famílias podem ir para além da constatação superficial de que compõem o movimento por moradia devido à sua falta. Conhecer suas trajetórias individuais e coletivas é uma maneira de estudar a cidade pela perspectiva da classe trabalhadora urbana, uma classe profundamente aviltada

em sua dignidade pela ausência do direito básico à um teto. Mesmo integrando uma grande massa de trabalhadores e trabalhadoras, o salário pago pela venda de sua força de trabalho ou a luta pela busca de um emprego, não é suficiente sequer para essas pessoas possuírem um lugar na cidade, ou seja, “Os pobres não tem vida, a vida deles é emprestada para que outros possam viver grandiosamente, enquanto o povo pobre resta, conforme Marx (1987), se vender pedaço a pedaço para os capitalistas, vendendo não suas horas de trabalho, sim suas horas de vida” (BARBOSA, 2020, p. 117). Suas histórias estão espacializadas na cidade e revelam as estruturas de dominação atuantes em seus espaços vividos, no cotidiano, suas estratégias de lutas e resistências, suas rupturas e/ou continuidades.

Daí a importância em buscar elementos das experiências da classe trabalhadora em suas lutas por sobrevivência, já que apesar de o direito à moradia constar no artigo 6º da Constituição Federal e compor uma série de tratados do Estado brasileiro com organizações internacionais, isso não tem validade por não corresponder à realidade daqueles sujeitos, a letra é morta porque não se efetiva. Tal aberração materializada em um espaço urbano absurdamente injusto deve ser objeto de denúncia incansável por parte da Geografia.

Diante do exposto, por meio do diálogo da Geografia com a estética narrativa em Memórias Póstumas de Brás Cubas e o MTST pretende-se problematizar os conflitos socioespaciais decorrentes da desigualdade estrutural e estruturante da sociedade urbana capitalista. Como a práxis do MTST dialoga com a narrativa estética de Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas no que se refere especialmente ao valor, fetiche da mercadoria e alienação. O entendimento de práxis aqui descrito vem de Adorno que diz,

O ativismo é regressivo. Cativado por aquela positividade que há tanto tempo faz o papel de armadura para a debilidade do Eu, recusa-se a refletir sobre a sua própria impotência. Os que não param de gritar: Demasiado abstrato! empenham-se num concretismo, numa imediatez, que estão abaixo do nível dos meios teóricos disponíveis. Isso favorece a práxis aparente. Os mais finórios dizem — de maneira tão sumária como julgam em relação à arte — que a teoria é repressiva; e qual atividade no interior do 'status quo' não o seria a seu modo? O agir imediato, no entanto, que sempre lembra o bater com estrondo [**Zuschlagen**], está incomparavelmente mais próximo da repressão do que o pensamento, o qual ajuda a respirar. O ponto arquimédico: como é possível uma práxis não-repressiva, como navegar entre as alternativas espontaneidade e organização; isso só pode ser descoberto, se é que é possível, através da teoria, e não por outra via (ADORNO, 1969, p.7, grifo do autor).

Adorno expõe a dialética entre teoria e práxis de forma incisiva para a debilidade de ambas na ciência moderna, sobretudo a positivista. Alerta para a necessária confluência entre teoria e prática, ressaltando a importância central da teoria na construção de uma práxis. A metodologia foi pensada tendo em mente essa prerrogativa, principalmente ao buscar construir relação entre a literatura realista de Machado (segunda fase dos escritos do autor) e a

METODOLOGIA

O sentido metodológico proposto perpassa por três dimensões que se influenciam em um movimento dialético: a dimensão estrutural e representativa das relações socioespaciais, a dimensão da vida cotidiana (o lugar ou espaço vivido e percebido) e a dimensão teórica e literária. Associado a essas três dimensões, partimos de uma abordagem interdisciplinar que vai da Geografia Anticolonial com a Literatura de Machado de Assis, assumindo o pressuposto de que existe nítida relação entre os processos espaciais, históricos, políticos culturais na obra machadiana, em especial no livro Memórias Póstumas de Brás Cubas. Essa interdisciplinaridade também assume sua proposição dialética, por nos indicar meios de compreensão dos processos ocorridos dentro da cidade (luta de classes) e na dimensão teórico-epistemológica. Obviamente, metodologicamente, a proposta é promover uma ruptura com o pensamento burguês, como nos ensina o autor:

Kurz sempre tira sua energia da polêmica contra um adversário: aqui, a incapacidade do pensamento burguês de ir além dos fatos isolados e de seus eventuais “efeitos recíprocos”. O “todo” não é simplesmente a soma dos elementos particulares, ele possui uma qualidade própria; os elementos particulares não são o que parecem ser num simples golpe de vista, como na visão empírica (JAPPE, 2016, p.118).

As pesquisas qualitativas possuem a singularidade, pertinente à essa pesquisa, de considerar as produções materiais e imateriais da sociedade, ou seja, todas as produções e pensamentos humanos modificando a natureza ou modificando a si próprios. Desse modo, a pesquisa qualitativa é bastante apropriada pelo fato desta concentrar o foco no ser humano e considerá-lo em sua complexidade, e na sua relação com o ambiente sociocultural e natural. Além disso, as pesquisas que envolvem seres humanos precisam estar atentas aos processos que conduzem determinados resultados, sabendo que o ser humano é um ser em constante modificação, movimento, inconcluso (FREIRE, 2005) e suas produções materiais e imateriais também o são. Estando os indivíduos em constante estado de criação, nossa pesquisa precisa acompanhar tal processo e estar aberta à esta criatividade. A pesquisa qualitativa possui ainda outra característica que precisa estar explícita: sua natureza impõe que absolutamente todos os aspectos sejam considerados relevantes, nada sendo trivial. Todas as dimensões identificadas durante a pesquisa possuem potencial para compor mais esclarecimento sobre o objeto estudado (SILVA, 2011).

REFERENCIAL TEÓRICO



A princípio, o referencial foi pensado com base em três hipóteses de construção teórica, duas delas alinhadas ao desenvolvimento teórico da Geografia e a outra associando a dimensão teórica aos processos socioespaciais. A primeira delas, refere-se ao que Milton Santos (2002) designa como apagamento das memórias e experiências geográficas, sobretudo daqueles que são considerados vencidos. A dinâmica capitalista das cidades imprime o espaço dos vencedores e se alguma memória e experiência há, é a dos vencedores que são espacializadas. No entanto, para Walter Benjamin (2016) o advento da modernidade nos destinou a todos a vivermos sobre um estado de heteronomia no qual o presente é perpetuamente repetido, rápido e contraído, mas ao mesmo tempo eterno, por isso nós, frutos dessa modernidade, somos carentes de recordação e, portanto, de experiência.

Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. Pensemos nos esplêndidos quadros de Ensor, nos quais uma grande fantasmagoria enche as ruas das metrópoles: pequeno-burgueses com fantasias canavalescas, máscaras disformes brancas de farinha, coroas de folha de estanho, rodopiam imprevisivelmente ao longo das ruas. Esses quadros são talvez a cópia da Renascença terrível e caótica na qual tantos depositam suas esperanças. Aqui se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval (BENJAMIN, 2016, p.1).

A carência e o apagamento das experiências é associada à impossibilidade de uma existência plena no modo de sociabilidade produzido pelo capital, sobretudo em seu contexto neoliberal. Desde o acirramento das políticas neoliberais no Brasil, a prevalência gradativa do mercado sobre o bem estar social, a especulação imobiliária, gera no espaço urbano uma perda significativa de direitos básicos por parte dos trabalhadores, dentre eles o da moradia.

O terceiro fundamento teórico adotado reside na consideração de que violência e poder utilizados como categorias de análise conferem uma leitura com maior radicalidade à geografia, por estas corresponderem à própria estrutura fundante da sociedade brasileira. A **violência estrutural** e estruturante e o **poder** que dela emana como sendo a base da formação territorial brasileira desde sua colonização, quando utilizados como categoria de análise conferem maior legitimidade e crítica à Geografia que se pretende produzir no Brasil. Esta hipótese se vincula à outra que é: a colonização não acabou, a não ser formalmente, os arranjos coloniais continuam basicamente os mesmos. No meio urbano, os resquícios coloniais são manifestos no espaço material dados pela inexistência de alteridade, desconsideração tácita do outro.

No mundo rural, tal fundo violento é algo evidente, embora disfarçado pela lógica do favor. Na cidade, ele se torna mais abafado, daí o ácido irônico de Machado, a rigor só compreensível para quem o lê sob o fundo dessas relações violentas. As lutas sociais entre senhores, dependentes e escravos resultam de cálculos de interesse, estratégias e manobras táticas astuciosas, silentes, abafadas – algo que o

escritor apresenta de modo cômico-fantástico e muito estridente em *Memórias póstumas*[...](DUARTE, 2010, p.81).

No centro do capitalismo, as forças que começaram a modelar esse percurso são iniciadas nas invenções e máquinas criadas no século XVIII. Contudo, o processo de urbanização ainda não podia ser evidenciado em suas características modernas. A partir do final do século XIX a reurbanização de Paris comandada por Napoleão III a tiros de canhões contra as barricadas e efetivada por Haussman, começa a promover um tipo de cidade que se propagará na maior parte das grandes metrópoles modernas, a cidade como o lócus do capital, que além da efervescência de múltiplas espacialidades será o lugar por excelência onde qualidade de vida, espaço urbano e todos os elementos que constituem a cidade se tornam mercadoria (BENJAMIN, 2017). Este elemento central na produção do espaço urbano, naquele momento, vai deslocar a classe operária do centro da cidade (onde moravam em prédios nos andares mais elevados e a classe burguesa nos primeiros andares, pois não existiam elevadores) para as margens da cidade, originando os subúrbios, também conhecidos como cinturão vermelho operário. Nas cidades contemporâneas, mais do que residir às margens, longe dos locais de trabalho, equipamentos urbanos, centros de saúde ou centros comerciais, parte significativa dessa classe trabalhadora, não reside, porque simplesmente não possui local de moradia. Recorrendo à Fanon (1968):

Ora, é preciso nunca perder de vista que a imensa maioria dos povos colonizados é impermeável a esses problemas. Para a população colonizada o valor mais essencial, por ser o mais concreto, é em primeiro lugar a terra: a terra que deve assegurar o pão, evidentemente, a dignidade. Mas esta dignidade nada tem que ver com a dignidade da "pessoa humana". Dessa pessoa humana ideal jamais ouviu falar. O que o colonizado viu em seu solo é que podiam impunemente prendê-lo, espanca-lo, mata-lo à fome; e nenhum professor de moral, nenhum cura, jamais veio receber as pancadas em seu lugar nem partilhar com ele o seu pão (FANON, 1968, p.33).

O excerto de Fanon parece ter sido escrito no tempo presente, tamanha é a semelhança com os conflitos sociais vividos na atualidade. Embora o Brasil enquanto colônia, faça parte de um passado histórico, suas estruturas ainda permanecem e pior, sob o disfarce de uma república democrática. Fanon (1968) descreve a violência do colonizador como uma característica constante do processo civilizador empreendido pela Europa. Achille Mbembe (2018) exprime como essa violência foi responsável pela construção do “negro”, ou seja, do sujeito racial, uma das maiores mentiras criadas pelos países colonizadores, convertidas em verdade e perpetuadas ao longo dos séculos. A força atual desse conceito é sentida por milhares de pessoas na cidade ou no campo, trabalhadores que,

Ao fazer passar o escravo pelo laminador e ao pressioná-lo para dele extrair o máximo de lucro, não se convertia simplesmente um ser humano em objeto. Não se deixava

nele apenas uma marca indelével. Produzia-se o negro, isto é, no caso que nos mobilizará ao longo de todo este livro, o sujeito racial, ou ainda a própria figura daquele que pode ser mantido a uma certa distância - do qual é possível se desembaraçar quando aquilo deixar de ser útil (MBEMBE, 2018, p.82).

O colonizador europeu elaborou e consolidou a ciência no ocidente pautada em uma racionalidade que primava o domínio sobre a natureza e o domínio sobre sujeitos não europeus (BARBOSA, 2020). Por isso, a manutenção do colonialismo era fundamental para a hegemonia europeia e o respaldo dado pela racionalidade instrumental dava coesão e menos possibilidade de se contestar tal estado de barbárie. “A confiança inabalável na possibilidade de dominar o mundo”, que Freud anacronicamente atribui à magia, só vem corresponder a uma *dominação realista* do mundo graças a uma ciência mais astuciosa do que a magia”(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.9, *grifo nosso*) Sobre a mentira tornada verdade e vice-versa o autor completa:

O controle colonizador, segundo Fanon (1968), está em confundir a verdade e a mentira, esse controle parte da definição e delimitação do que é o poder. O poder é antes a violência explícita, agora o poder é uma condição de vida, uma forma inquestionável de viver e se comportar social e politicamente para que isso frutifique economicamente. Os iluministas europeus com suas ideias de libertação e acesso geral a modernidade foram a base para a racionalidade colonizadora, pois não houve uma ruptura com as bases científicas do absolutismo ou mesmo da superstição (BARBOSA, 2020, p.118).

Barbosa (2020) denuncia que o poder exercido não se atém a demonstração de violência explícita, é preciso alargar e aprofundar a concepção de poder e violência se se quer compreender criticamente a realidade em uma cidade colonizada. A violência como forma de vida é sentida muito concretamente pelos trabalhadores(as) oprimidos por exemplo: não encontram emprego numa sociedade que se intitula sociedade do trabalho, quando encontram emprego, o salário é muito baixo, insuficiente para oferecer alguma dignidade, o trabalho, via de regra, é muito longe de casa, a mãe e/ou o pai saem antes do amanhecer, não veem o(s) filho(s) acordado, na maioria das vezes, quando chegam em casa, o(s) filho(s) já estão dormindo. As humilhações são constantes, a oportunidade de estudar se reduz drasticamente, muitos abandonam a escola, os alimentos são caros, o salário não supre as necessidades do corpo, a moradia com alguma qualidade é cara, precisam se mudar cada vez para locais mais periféricos, sem infra-estrutura. Trabalharam por séculos para construir as cidades, mas não usufruem do produto de seu trabalho. Muitos outros cenários semelhantes à esses poderiam ser descritos, o abismo da desigualdade é muito grande.

Quanto a literatura e seu poder de *mimese*, uma imagem da cidade escrita por Calvino (1972), descrevendo com beleza, uma beleza característica dos textos literários, um cenário típico das cidades modernas, belo mas aterrorizante:

Assim, ano após ano, vi o desaparecimento do fosso, da árvore, do espinhal, escondidos por barreiras de sorrisos tranqüilos em caras redondas que se movem mastigando folhas. Não se tem idéia, num espaço limitado como o da plantação de milho, de quanta gente ela pode conter, especialmente se postos sentados com os braços em torno dos joelhos, imóveis. Deve haver muito mais do que parece: vi o costado da colina cobrir-se de uma multidão cada vez mais compacta; mas, desde que as pessoas sobre a ponte ganharam ohábito de acavalar-se uns nos ombros dos outros, não consigo olhar muito adiante (CALVINO, 1972, p.62)

A apropriação que pode ser feita pela Geografia ao selecionar somente a expressão “vi o costado da colina cobrir-se de uma multidão cada vez mais compacta” pode ser surpreendente. Milton Santos (1994) denuncia que um dos maiores erros da Geografia foi se apartar da Literatura e estabelecer fronteiras rígidas à essa separação. Lendo esse trecho de Calvino é absolutamente compreensível a fala de Milton Santos.

A principal referência espaço-temporal aqui abordada será o espaço urbano moderno no final do século XX ao século XXI. Apesar da obra de Machado de Assis tratar do Rio de Janeiro do século XIX, sua narrativa contém elementos identificáveis em outros contextos modernos, a saber: asseção da classe burguesa, machismo, sexismo, preconceitos. A intenção é abordar quais marcos dentro desse intervalo estabeleceram as principais características presentes nas cidades modernas reprodutoras do colonialismo e seus corolários: desigualdade, pobreza, exclusão.

Assim, o intuito é pensar em Machado de Assis como alguém extremamente ligado à Geografia porque, via de regra, bastante preciso em suas análises espaciais. Vários pontos de sua narrativa retratam questões políticas, sociais, territoriais de sua época e ainda estão presentes na contemporaneidade, seja através de personagens subalternos e docilizados como o escravo Prudêncio ou proprietário abastado como Brás Cubas, suas trajetórias refletem dimensões importantes da sociedade escravista/capitalista significativas para o entendimento da realidade atual. Além de realizar, sob a perspectiva materialista, um vislumbre negativo da essência da sociedade brasileira, ora,

Por outro lado, o desdobramento filosófico e auto-reflexivo do —defunto autor, sobre sua vida fútil, preconceituosa e dissoluta, muitas vezes não é senão uma máscara e um estrato ideológico a mais de um narrador fundamentalmente volúvel e cínico, que pode, de modo completamente arbitrário e instrumental, utilizar qualquer coisa para a sua própria legitimação enquanto classe, seja a filosofia ou o argumento esclarecido, o diálogo e as figuras carnavalescas da sátira menipéia, até mesmo a crítica materialista da ideologia (DUARTE, 2010, p.122).

A classe dominante escravocrata ou a semi-burguesa em formação podiam tudo, os “compêndios” geográficos poderiam até expôr esse elemento inequívoco, exposição positivista, porém, sem jamais utilizar de uma narrativa estética, como o narrador defunto fez, de revelar a essência brincando com a aparência, afinal “[...] triste sina a dos geógrafos que



inventaram para si a tarefa auto-alienada de catalogar e mapear as coisas no e do espaço, quase que se abstraindo da discussão das relações sociais que as determinam” (DUARTE, 2010, p.8). Tal proposição pode ser demonstrada por um trecho de Memórias Póstumas em que Brás/Brasil Cubas fala cinicamente sobre a “utilidade” de Dona Plácida:

se não fosse D. Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena eferescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de D. Plácida. Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo? (ASSIS, 1998, p. 130)

A vida de uma mulher trabalhadora, solitária, estigmatizada, foi servir aos caprichos amorosos de sua patroa Virgília. Serviu com tudo que possuía: seu corpo, alma e espírito. Ainda assim, tal utilidade foi relativa, como disse Brás Cubas. Tal é a distinção imposta às pessoas na sociedade moderna capitalista, os que valem muito, os que valem menos e aqueles que não valem absolutamente nada. Em poucas linhas, Machado de Assis nos instiga a refletir, por exemplo, sobre a teoria do valor, que iguala mercadorias e pessoas em uma unidade exprimível no valor de troca. Não existem valores morais ou espirituais nesta sociedade, existe o valor de troca, na verdade, um anti-valor (JAPPE, 2014) porque abstrato e por determinar não valores construídos coletivamente, mas um valor tornado universal por um sistema autonomizado, que condiciona as pessoas e não o contrário. Até mesmo D. Plácida com sua utilidade relativa, ao se ver alcoviteira, para ter a consicencia aliviada foi agraciada por Brás Cubas,

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, _ os cinco contos achados em Botafogo, _ como um pão para a Velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo (ASSIS, 1998, p.202).

Essas possibilidades interdisciplinares precisam ser identificadas e , principalmente precisam ser ensinadas. Pois, como salienta Duarte, Memórias póstumas foi escrita em um contexto de subjetivação entre dois regimes, opostos, mas complementares entre si:

Nessas condições, os homens pobres e livres, nem proprietários nem proletários, eram forçados a viver —um tipo particular de privação e de semi-exclusão. (...) Forçando a nota, digamos que na falta da propriedade só a proteção salvava alguém de ser ninguém, mas sem torná-lo um iguall, já que se ficava —aquém das garantias gerais do direito.⁴⁰ A forma de sociabilidade e subjetivação dita —semi-coloniall ou —proto-burguesa, enquanto forma concreta de realização do capital na periferia, revela assim o fundo incivil, obsceno, subjacente à primeira forma plenamente burguesa, dominante na Europa, fundo que ali aparecia só em momentos excepcionais de ruptura social (como vimos no 1848/1851 em Baudelaire). Um fundo tenebroso que aqui na periferia era visível quase a olho nu (DUARTE, 2010, p.79).

Por isso, a associação literária com o MTST, sua dimensão prática, pedagógica e comprometida com parte da ordem capitalista vigente, expõe o antagonismo do espaço urbano que faz a reprodução abstrata do espaço tornar inconciliável a reprodução da própria vida,



pele menos para grande parcela de suas populações. O MTST é um movimento social de caráter urbano surgido nos anos de 1990 com a proposta de aglutinar e organizar a classe trabalhadora na luta pela moradia. Fruto do processo de democratização política, surgiu em um contexto onde se acirravam as características neoliberais no país (FALCHETTI, 2019). Nos dias atuais é considerado o maior movimento eminentemente urbano do país. Se faz presente em onze estados da federação e sua maior atuação e expressividade de membros é na cidade de São Paulo, onde mais de vinte mil famílias fazem parte do movimento. Associado às práticas de ocupações urbanas, compoem uma realidade na qual é possível investigar/entender os conflitos presentes na reprodução do espaço da cidade, seus mecanismos de dominação e o poder e violência subjacentes à esse controle.

Esses padrões polarizados de uso da terra e de densidade populacional recapitulam lógicas mais antigas de controle imperial e dominação racial. Em todo o Terceiro Mundo. As elites pós-coloniais herdaram e reproduziram com ganância as marcas físicas das cidades coloniais segregadas. Apesar da retórica de libertação nacional e justiça social adaptaram com agressividade o zoneamento racial do período colonial para defender os seus próprios privilégios de classe e a exclusividade espacial (DAVIS, 2015, p.104).

Muito se pode aprender e ensinar através desse movimento urbano, das vidas e lutas das pessoas que absolutamente excluídas do modos vivendi moderno, reivindicam legitimamente o direito de existirem com dignidade. Tal conhecimento pode ser valioso à Geografia, que não pode se furtar só porque esse saber não possui o status quo científico. Como explica o geógrafo Carlos Walter (2016)

Já não podemos mais pensar com as formas disjuntivas, dicotômicas, analíticas como até aqui nos acostumamos como, por exemplo, com a disjunção espaço e tempo. Da física quântica às tradições do pensamento aymara, quéchua, maia, hindu, chinês ou guarani há o reconhecimento do princípio da relacionalidade que nega a existência de unidades indivisíveis - o átomo, a molécula, o indivíduo - que, sabemos, são estruturantes do modo de produção científica cartesiano, newtoniano e copernicano. (PORTO-GONÇALVES, 2016, s/p)

Esse modo de produção científica salientado pelo autor perpetuou um modo exclusivo de pensar a Geografia, como descrito anteriormente, e só começa a ser questionado/reformulado a partir da década de 70 do século passado, contudo ainda é uma forma predominante de pensar a ciência geográfica. É preciso ressaltar que nesse modo disjuntivo/dicotômico de pensar há mais do que uma pretensa neutralidade analítica, há embutido nele, processos ideológicos que criam hierarquias, qualificam e desqualificam sob uma ótica europeia colonialista, quantificam as pessoas transformando a fome e ausência de moradias em números. Ao urbano estão destinados os atributos de civilizados, detentor do trabalho intelectual, produtor de riquezas, local da cultura, e ao rural eram/são atribuídas qualificações que o associam ao atraso, trabalho braçal, à ausência de progresso (PORTO-GONÇALVES, 2016). No entanto, o pretensio lócus

do progresso também é o lócus da miséria. O número de pessoas em situação de rua no país em pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de 2020 (IPEA) de acordo com seus pesquisadores² era de aproximadamente 221.869 pessoas. Os dados se agravam muito mais se a estimativa inclui o que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) chama de moradias irregulares ou moradias subnormais. De acordo com dados de 2020 do IBGE das cerca de 65,5 milhões de moradias ocupadas no país, 5,127 milhões (7,8%) são moradias precárias, sem estrutura urbana básica, como rede de água e esgoto e energia elétrica.

O imobiliário, como se diz desempenha o papel de segundo setor, de um circuito paralelo ao da produção industrial voltada para o mercado de bens não duráveis ou menos duráveis que os imóveis. Esse segundo setor absorve os choques. Em caso de depressão para ele afluem os capitais (...). Enquanto uma parte da mais valia global formada e realizada na indústria decresce, aumenta a parte de mais valia formada e realizada na especulação e pela construção imobiliária. O segundo setor suplanta o principal. (LEFEBVRE, 1970, p.211-212). (COMENTAR)

Por isso, essas qualificações eurocentradas reverberaram entre os séculos desde o início dos empreendimentos colonizadores postos em curso pela Europa, afinal que progresso há em milhares de pessoas no escuro, sem asfalto, sem água tratada e com fome? A não ser que se deixe muito claro, que quando os atributos de civilizado e progresso são utilizados, eles estão se referindo ao homem branco europeu. Henri Lefebvre ao escrever *O direito a cidade* (1967), confrontou os problemas do urbano ao propor enfrentar o que denominou de “campo cego”, elemento que, segundo ele, bloqueava uma compreensão adequada da questão e a luta de classes. Este livro foi escrito também em comemoração ao centenário de *O capital* e exatamente um ano antes das insurreições de maio de 1968. A sociedade estava se modificando e isso era claramente percebido nos movimentos e sociais e políticos surgidos naquele momento. O que Lefebvre objetivava era “fazer com que os problemas entrem na consciência e nos programas políticos” (LEFEBVRE, 2008, p.10).

Para entrarem na consciência é preciso entender a sua essência e, neste caso, sua essência, ou pelo menos uma pequena parte dela, reside no fato de o capital ter encontrado no espaço urbano maneiras de superar as suas crises (LEFEBVRE,), pelo menos temporariamente. Esse entendimento alarga o debate da Geografia sobre a reprodução do espaço na cidade ao inserir o fato elementar de que a cidade na modernidade tornou-se mercadoria e o na a cidade enquanto valor, no capitalismo irá sempre privilegiar o valor de troca em detrimento do valor de uso. O espaço abstrato socialmente produzido não é produzido para as pessoas e sim para reproduzir o capital e, sempre que possível, aumentar o valor de troca. Em certo sentido, numa leitura anticolonial, o MTST busca através de sua práxis uma ruptura com esse movimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como aponta Duarte (2010), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880) representa algo semelhante a uma revolução copernicana no contexto da literatura brasileira. Numa estratégia fantástica, o narrador mais usualmente conhecido por todos até o período romântico é transformado em um representante da classe dominante, que não somente pode tudo por pertencer a tal classe mas por poder tudo, sem nenhum empecilho moral, pois é um defunto autor. Desse modo, Brás Cubas observa e descreve os personagens construindo uma relação público/privada, que revela uma condição da própria relação entre senhores e escravizados ou entre proprietários e subalternos.

_ Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jucundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e parece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha (ASSÍS, 1998, p.30).

Ainda que longe da violência explícita do período escravocrata, a narrativa de Machado enfatiza a continuidade e penetração desse modelo na modernização do país, principalmente no que se refere as relações sociais urbanas. Na cidade, a violência é mais velada, cínica, caracterísitca propícia para Machado de Assis destilar o seu humor cáustico, necessariamente compreendido sob o viés de uma leitura materialista da violência, propícia para o entendimento das contradições do país naquele momento. Os conflitos entre as classes eram permeados por um jogo de interesses poderoso, jogo em que senhores sempre saíam ganhando e o narrador Brás Cubas demonstra nas *Memórias* essa caracterísitca pela narrativa cômica e irônica de seus personagens.

Essa experiência violenta do instituto da alienação, na dimensão da perda da existencia doméstica no urbano é dialeticamente transformada pelo MTST. Desse modo, não são as ações de grandes feitos que constroem a unidade, mas a retirada de direitos, as perdas, a redução de resquícios de humanidade como no caso de Prudêncio (escravizado pertencente à Brás Cubas desde que tinha cinco anos de idade) - miméses do Brasil colonial/moderno. Em *Memórias póstumas*, Machado de Assis nos mostra, sendo irônico quanto ao aspecto anacrônico, que existem contradições no Brasil que envolvem o capital, a sociedade e sua força produtivas, ou forças produtivas, se pensarmos no coexistência entre colonialismo e a reprodução do capitalista moderna. Em outras palavras, o que aqui se configura é uma lentidão quanto aos movimentos da modernidade, a chamada modernização conservadora que encontra na periferia chamada Brasil, o lócus perfeito para estabelecer a aliança entre Capital,

Estado e a questão fundiária (DUARTE, 2010). Nesse modelo econômico, que aliás combina dois modelos de dominação, o poder do regime escravocrata, associado à reprodução capitalista, o rolo compressor é duplamente mais eficaz quanto a supressão de qualquer resquício de diferenças ou de uma existência livre. Se não está subjugado pela ordem escravista está subjugado pela ordem capitalista. Na primeira, quando o dono é benevolente, as vezes o favor fornece um lapso de humanidade ao sujeito escravizado.

Das Memórias, Machado de Assis produz astuciosa e cômicamente narrativas que se vinculam às mais variadas fetichizações modernas, como questões filosóficas através do Humanitismo de Quincas Borba, “Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas” (ASSIS, 1998, p.116). Expressões de uma mentalidade burguesa-liberal aliada ao atraso do instituto do colonialismo/escravismo numa coexistência de tempos e espaços distintos, como no capítulo do senão do livro (cap.71):

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás infimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...(ASSIS, 1998, p.203).

A ganancia de dominação aliada a um ego super inflado leva Brás Cubas a simultaneamente se fechar em seu domínio territorial (casa da Gamboa) e este não tem que se preocupar com nada, tudo está garantido. O destino está traçado e para ele a vida foi generosa, não precisa sequer agradecer aos leitores. Pode torturar escravos, manipular senhoras, desfazer de amores e sair ileso ao contar suas perversidades.

A casa resgatava-me tudo; o mundo vulgar terminaria à porta; – dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excepcional, nosso, somente nosso, sem leis, sem instituições, sem baronesas, sem olheiros, sem escutas, — um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma só afeição, — a unidade moral de todas as coisas pela exclusão das que me eram contrárias. (ASSIS, 1998, p.75)

Aqui não está a descrição de um caso de adultério, algo corriqueiro, na narrativa de Brás Cubas sempre está a referência a algo mais nas linhas e entrelinhas. O fato perverso de incluir D. Plácida nessa imagem fantasiosa, no mesmo espaço do casal pecaminoso revela a fantasia de alguém que pode tudo, pode dispor tanto dos corpos como da terra (chão de pecados) sem nenhum impedimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste período tenebroso, esclarecimento, ciência moderna e também a literatura

convertem-se em artifícios da economia burguesa. Ela não escapa ao cânon do mercado, é mais uma mercadoria num mundo de sociabilidades exercidas pelas mercadorias. Ao mesmo tempo, justamente por isso, nunca é demais investigar e constatar como ela (aqui representada por Machado de Assis) é poderosa para desvendar máscaras sociais ou, em outras palavras, revelar o escondido, expor o negativo, construir uma crítica contrária aos padrões eurocêntricos hegemônicos.

Em Memórias póstumas, de acordo com Schwarz (2000), o pressuposto da narrativa é pautado na justificativa constante da absoluta indiferença da classe de senhores e proprietários frente ao mundo e às pessoas, quer elas fossem escravizadas ou livres (ex. D. Plácida). O meio social é plasmado numa continuidade e perpetuação das relações de opressão escravistas.

A mimese é verificada na manutenção da indiferença em relação aos sem teto, sem terra, sem comida, sem saúde, sem segurança, etc. É como se Brás Cubas ao relacionar (cinicamente) a sociedade da época aos princípios do darwinismo social estivesse decretando sua sentença: o Brasil do século XIX será o mesmo Brasil do século XXI, não importe o quanto pareça moderno, a modernidade se fará presente apenas como simulacro, o real, o violento real, está sob camadas da modernidade, e persiste com o modo de sociabilidade das relações de dominação de senhores e escravizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Notas marginais sobre teoria e práxis. **TW Adorno, Palavras esinais: modelos críticos**, v. 2, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética** [1969]. (Trad. Artur Morão). Lisboa: Ed. 70, 1993.

BARBOSA, Tulio. A miséria da geografia escolar e a resposta anticolonialista. **Ciência Geográfica-Bauru-XXIV-Vol. XXIV-(1)**, p. 114, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas III**. Brasiliense, 2017.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Editora Companhia das Letras, 1990.

CIRIACO, Daniela de Carvalho. “Nós somos completamente outros”: uma análise da ocupação urbana Fidel Castro em Uberlândia- MG. **Dissertação de Mestrado**

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Boitempo Editorial, 2015.

DE ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Ateliê Editorial, 1998.



DUARTE, Claudio Roberto. Literatura, geografia e modernização social. Espaço, alienação e morte na literatura moderna. 2010. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FALCHETTI, Cristhiane. Ação coletiva e dinâmica urbana: o MTST e o conflito na produção da cidade. 2019. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Aglomerados subnormais**. Resultados preliminares, 2019. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=acesso-ao-produto>> acesso em 10 out. 2022.

JAPPE, Anselm. Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria. Trad. Rosa Filho, Sílvio, **Revista Limiar**, v. 1, n. 2, p. 4-29, 2014.

JAPPE, Anselm. “Viagem ao coração das trevas” do capitalismo. **Revista Crítica Marxista**, n. 42, p. 113-123, 2016.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999 [1970].

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo, Centauro, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1Ed., 2018.

SANTOS, Milton. O mundo não existe. **Veja**, Rio de Janeiro, Editora Abril, ano 27, nº46, 16nov. 1994. Entrevista concedida a Dorrit Harazim.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e cultura**, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da. Prática discursiva de formação de professores alfabetizadores de jovens e adultos em uma experiência de educação popular. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, **Tese de doutorado**, 2011.

SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Sandro Pereira. Trabalho, população negra e pandemia: notas sobre os primeiros resultados da PNAD COVID-19. **Nota técnica, IPEA**, 2020, 22p.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. Editora34, 2000.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 14, fevereiro de 1997, p.7- 24.

XV
ENAN
PEGE



ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Para outras conexões rural-urbanas a
reapropriação social da natureza [Texto em aberto para discussão]